

Ministro manda tirar do ar transmissão em que Bolsonaro anuncia apoio a aliados e o impede de usar bens públicos para campanha da reeleição

TSE proíbe realização de lives dentro do governo

Abdias Pinheiro/Secom/TSE



O corregedor-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Benedito Gonçalves, mandou tirar do ar a live de Jair Bolsonaro (PL), da última quarta-feira, quando fez propaganda eleitoral para aliados usando a estrutura do Palácio da Alvorada. O magistrado também proibiu que o presidente da República utilize recursos e instalações públicas para fazer transmissões com cunho eleitoral, além de impedi-lo de usar até mesmo o intérprete de libras que serve nos eventos de governo.

A decisão do ministro foi tomada na última sexta-feira. Segundo o corregedor do TSE, "os indícios até aqui reunidos indicam que, no caso, tanto o imóvel destinado à residência oficial do presidente da República quanto os serviços de tradução para libras custeados com recursos públicos foram destinados à produção de material de campanha. Trata-se, ademais, de recursos inacessíveis a qualquer dos demais competidores".

Gonçalves salienta, também, que "os elementos presentes nos autos são suficientes para concluir, em análise perfunctória, que o acesso a bens e serviços públicos, assegurado a Jair Messias Bolsonaro por força do cargo de chefe de governo, foi utilizado em proveito de sua campanha e de candidatos por ele apoiados", disse Gonçalves.

O ministro determinou, ainda, que as plataformas YouTube, Instagram e Facebook retirem do ar a live presidencial da última quarta-feira — que embasou a ação. Na ocasião, Bolsonaro anunciou que por causa da proximidade das eleições, faria transmissões diárias para promover candidaturas de deputados e senadores aliados do Palácio do Planalto. A liminar barra a estratégia eleitoral do presidente de atrelar a comunicação de governo à da campanha.

"Faz-se necessário tanto determinar a remoção do material potencialmente irregular quando vedar que seja reiterada a conduta — especialmente em razão do anúncio de que as lives poderão ser veiculadas diariamente até a véspera do pleito", salienta Gonçalves.

> **Os elementos presentes nos autos são suficientes para concluir, em análise perfunctória, que o acesso a bens e serviços públicos, assegurado a Jair Messias Bolsonaro por força do cargo de chefe de governo, foi utilizado em proveito de sua campanha e de candidatos por ele apoiados"**
>
> ***Trecho da decisão do ministro Benedito Gonçalves***

A decisão atende a pedido formulado pelo PDT, partido do presidenciável Ciro Gomes, e foi assinada pelos advogados Walber Agra e Ezikelly Barros. A ação pede, ainda, que seja declarada a inelegibilidade e a cassação do registro da candidatura de Bolsonaro. O mérito das solicitações ainda será analisado pelo TSE.

Fabio Wajnagrten, um dos coordenadores da campanha de Bolsonaro, reagiu com indignação à determinação de Gonçalves. "Proibir o presidente Bolsonaro de fazer lives da sua própria casa é o maior absurdo jurídico que já testemunhei em toda a minha vida. Vou propor para fazermos as lives da calçada da rua. Venceremos mesmo assim", tuitou.

Sem investigação

O ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal (STF), negou, ontem, o pedido do senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) para investigar o clã Bolsonaro. Horas antes, o magistrado suspendera os efeitos de uma liminar que mandava tirar do ar reportagens do portal Uol sobre a compra, com dinheiro vivo, de imóveis pela família do presidente da República, nos últimos 30 anos.

"Observo que as imputações apresentadas pelo peticionante foram extraídas e estão lastreadas, exclusivamente, em reportagem de veículo de comunicação, sem que tenham sido apresentados indícios ou meios de prova minimamente aceitáveis que corroborem as informações contidas na referida matéria jornalística. A própria empresa responsável pela matéria reconhece não ter feito qualquer imputação de crime ao Presidente da República ou a membros da sua família", observou Mendonça, em resposta à petição de Randolfe.

O ministro, ainda na sexta-feira, decidiu favoravelmente ao Uol, restabelecendo a volta das reportagens ao ar — liminar concedida pelo desembargador Demetrius Cavalcanti, a pedido do senador Flavgio Bolsonaro (PL-RJ), determinou que as matérias deixassem de ser exibidas. De acordo com os textos portal, dos 107 imóveis comprados pela família nos últimos 30 anos, em 51 deles houve uso de dinheiro vivo.

Outra agressão por razões eleitorais

» SARAH PAES

Uma discussão motivada por política acabou em agressão em um bar, em Angra dos Reis (RJ), na última sexta-feira. Robson Dekkers Alvino, de 52 anos, se identificou como apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL) e atingiu Estefane de Oliveira Laudano, de 19 anos, na cabeça com um pedaço de madeira. Ele chegou a ser detido pela polícia, mas foi liberado e responderá ao inquérito em liberdade.

A denúncia da agressão foi feita pela irmã dela, Esther de Oliveira Laudano, de 24 anos, que também estava no local da discussão. "Estava divulgando a campanha do Professor Josemar (candidato a deputado estadual pelo PSol) e do Professor Waldeck Carneiro (candidato a deputado federal pelo PSB) e paramos para tomar uma cocacola. Estávamos conversando sobre política, falando sobre o Lula, e um homem chegou e disse que era bolsonarista, que o voto dele era em Bolsonaro. A gente falou: 'Tudo bem, é um direito seu, é um problema seu, nós estamos conversando entre a gente'", relatou Esther, em um vídeo publicado nas redes sociais do candidato do Professor Josemar.

Ainda segundo Esther, Robson continuou com a atitude agressiva com o grupo de militantes. "Ele continuou falando muitas coisas de baixo calão para a gente, e começou a xingar a mim, à minha irmã e as meninas que estavam com a gente", disse.

Robson chegou a ser expulso do local, mas retornou. "Voltou com um pedaço de madeira para me agredir. Só que a minha irmã entrou na frente e ele acabou acertando na cabeça dela", acrescentou.

Contido por moradores da região, Robson foi encontrado em uma rua próxima ao bar onde ocorreu a agressão. O caso foi registrado na 166ª DP (Angra dos Reis), onde foi autuado em flagrante por lesão corporal. Depois de prestar depoimento, foi liberado.

Ódio político

Estefane precisou levar sete pontos no local do ferimento. Após o ataque e a constatação da gravidade da agressão, ela foi levada para a Santa Casa de Angra dos Reis e, em seguida, transferida para o Hospital Municipal da Japuíba.

"Saiu muito sangue, ficamos desesperadas e levamos ela para o hospital. Atingiu uma veia da cabeça, mas, felizmente, não foi muito grave. Ela tomou sete pontos, mas se fosse um pouco mais acima poderia ter matado ela", explicou Esther.

No relato em vídeo, a irmã da vítima ainda registrou o episódio como crime de ódio político. "É crime de ódio e não pode acontecer, ainda mais nesta época, estamos na reta final. Ela está melhor, graças a Deus, não foi nada muito grave. Porém, vai ficar o trauma", salientou.

Reprodução



Estefane levou 7 pontos na cabeça após ser agredida por bolsonarista

Em nota, a Polícia Civil do Estado do Rio informou que "todos os envolvidos prestaram depoimento. O autor foi autuado por lesão corporal e o caso foi encaminhado ao Juizado Especial Criminal (Jecrim)". Na conta que mantém no Facebook, Robson se define como eleitor de Bolsonaro e, em uma das publicações, aparece vestido com a camisa do presidente da campanha à reeleição.

Nas últimas semanas, houve vários registros de agressões envolvendo bolsonaristas e militantes de esquerda. O mais grave até agora foi o assassinato do dirigente petista Marcelo Arruda pelo agente penitenciário federal Jorge Guaranho, em Foz do Iguaçu (PR), em julho. Já o mais recente foi o ataque de Rafael Bianchini a um pesquisador do Datafolha, em Ariranha (SP), no último dia 20.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Confronto Lula x Bolsonaro protagoniza semana épica

Os poemas épicos surgiram na Antiguidade, porém entraram em decadência no século XVII, quando surgiram as narrativas em prosa, o romance. *Dom Quixote*, por exemplo, de Miguel de Cervantes, foi uma obra revolucionária porque representou a invenção do romance e, ao mesmo tempo, desnudou a realidade. Quando Miguel de Cervantes mandou Dom Quixote viajar, rasgou a cortina mágica, tecida de lendas, que estava suspensa diante do mundo.

A vida se abriu com a nudez cômica de sua prosa, destaca o escritor tcheco Milan Kundera (*A Cortina*, Companhia das Letras): "Assim como uma mulher que se maquia antes de sair apressada para o primeiro encontro, o mundo, quando corre em nossa direção, no momento que nascemos, já está maquiado, mascarado, pré-interpretado. E os conformistas não serão os únicos a ser enganados; os seres rebeldes, ávidos de se opor a tudo e a todos, não se dão conta do quanto também estão sendo obedientes, não se revoltarão a não ser contra o que interpretado (pré-interpretado) como digno de revolta."

Ilíada e *Odisseia*, de Homero; *Eneida*, de Virgílio (70 a.C.—19 a.C.); e *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (1524-1580), são exemplos de poemas épicos. Toda epopeia clássica começa com a revelação do herói e sua temática, invocando uma divindade inspiradora do autor, que narra os feitos heroicos do protagonista. Ou seja, a inspiração é o passado, mas este serve de reverência atemporal para a História, representa o processo civilizatório. Não à toa Virgílio buscou inspiração em Homero. Roma resgatava a cultura e os padrões estéticos da Grécia Antiga, numa narrativa plena de aventuras e heroísmo.

No poema épico, o herói reproduz as qualidades do seu povo, não apenas suas características individuais. Tem uma missão quase impossível a cumprir, o que destaca suas qualidades ao longo de uma narrativa, na qual suas dificuldades são extraordinárias. No modernismo, o poema *Mensagem*, de 1934, o poeta português Fernando Pessoa, com métrica e rima, regata o heroísmo e a grandeza de Portugal no período dos Descobrimentos, numa crítica à decadência da elite de sua época.

> SERÁ UMA SEMANA TENSA, DE MUITAS AGRESSÕES E ESTRESSE EMOCIONAL

Publicado oficialmente no México, em 1950, e clandestinamente no Chile, no mesmo ano, *Canto Geral*, de Pablo Neruda é outro poema épico. Escrito quando o poeta fugia do Chile para Argentina, pela Cordilheira dos Andes, os versos denunciam as injustiças históricas que os países da América Latina sofreram ao longo dos séculos. Vilões e heróis são reclassificados a partir da sua perspectiva.

Escrito em Buenos Aires, em 1976, o *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar, é outro exemplo de poema épico. Seus dois mil versos são uma espécie de ode à liberdade. O poeta já havia estado exilado em Moscou, em Santiago e em Lima. No Brasil, o regime militar implantado após o golpe de 1964 tinha autorização para enviar agentes dos serviços de segurança à Buenos Aires e capturar políticos oposicionistas. Temendo pela própria vida, Gullar trancou-se no apartamento onde morava, na Avenida Honório Pueryredon, em Buenos Aires, e escreveu o poema como se fosse um testamento, uma síntese do que pensava sobre a cultura e a vida.

Mitos e heróis

Teremos uma semana épica aqui no Brasil, na qual está se decidindo o nosso futuro, num embate entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL), que pode se decidir no primeiro turno em favor do primeiro ou nos levar a um segundo turno imprevisível, não do ponto de vista eleitoral, mas institucional. Será uma semana tensa, de muitas agressões e estresse emocional. O mito de que o brasileiro é um "homem cordial" vem de um senso comum, desconstruído por Sérgio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*. A expressão cordial é um "tipo ideal" que não indica apenas bons modos e gentileza, vem da palavra latina "cordis", que significa coração. Segundo Buarque, o brasileiro precisa viver nos outros. A cordialidade muitas vezes é mera aparência, "detém-se na parte exterior, epidérmica, do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência." A nossa história mostra o quanto a política pode ser cruel.

Lula e Bolsonaro são figuras mitológicas da política brasileira. O petista é o líder metalúrgico que chegou lá, passou o pão que o diabo amassou após deixar o poder e renasceu das cinzas, como fênix. O presidente é o "mito" que desafiou o sistema, construiu uma carreira política na contramão, lançou-se à disputa pelo comando do país com a cara e a coragem, sobreviveu ao atentado que o deixou entre a vida e a morte na reta final da campanha de 2018.

Um tenta voltar ao poder, com o passivo dos escândalos de seu governo e um legado de realizações sociais. O outro tenta a reeleição, com uma agenda conservadora e o fardo de um governo desastrado, da falta de empatia e das suas grosserias misóginas. Encarnam o papel de herói e anti-herói, simultaneamente, para uma sociedade dividida entre "nós" e "eles".

Ulysses, o semideus grego da *Ilíada* de Homero tinha uma existência verdadeira, voltava para casa, tinha uma vida normal, até que a situação exigisse um gesto glorioso e individual. A filósofa judia alemã Hanna Arendt dizia que sua disposição de pensar, agir e falar politicamente pode mudar o curso na história. O herói pode ser um indivíduo comum que se insere e se destaca no mundo por meio do discurso, se move quando os outros estão paralisados. Precisa fazer aquilo que outro poderia ter feito, mas não fez — ou melhor, o que deixaram de fazer.

Lula e Bolsonaro estão ancorados no passado, têm projetos antagônicos, populistas. Um é democrata, o outro é autoritário, mas vão decidir o futuro de todos nós.